

Fonte Journal de Brasília Class.: 116

Data 3 de fevereiro de 1981 Pg.: \_\_\_\_\_

## Índios-estudantes levam documento a Andreazza

Uma história das discriminações sofridas ao longo de suas vidas quando frequentavam escolas nas cidades vizinhas às suas aldeias, o agradecimento ao ministro Andreazza por permitir que continuassem em Brasília, uma crítica à Fundação Nacional do Índio, "tutor que trai o tutelado" e uma explicação sobre a União das Nações Indígenas, que "não nasceu para contestar", é o resumo do documento encaminhado ontem pelos índios-estudantes ao ministro Mário Andreazza.

O documento foi entregue ao sub-chefe do gabinete do ministro, Paulo Rui, na sala de espera do gabinete do ministro. Paulo Rui garantiu aos índios uma solução "para os próximos dias" e ao saber que os estudantes estão vivendo um clima de tensão com a decisão da Funai, afirmou-lhes: "Deixem de tensão. Vamos esperar a decisão do ministro que pelo menos será justa e acertada. Segundo ele, o problema está sendo estudado pelo ministro que "vai analisar caso por caso".

Apesar de terem entregue o documento os estudantes pretendem manter um contato pessoal com o ministro Mário Andreazza para agradecerem a medida do ministro que lhes permitiu continuarem na Casa do Ceará, onde são alojados os índios que chegam e que vivem em Brasília. Caso o ministro não tivesse tomado esta medida, os índios já deveriam estar de volta às aldeias. Além dos índios-estudantes, também o cacique Raoni pretende se encontrar com o ministro do Interior pois quer agradecer a Andreazza a decisão tomada em favor dos índios. Raoni vai levar um presente ao ministro.

### CONTRADIÇÃO

Depois de entregar o documento, a comissão representativa dos estudantes concedeu uma rápida entrevista. Segundo Carlos Terena a medida da Funai é contraditória pois ao mesmo tempo em que o coronel Zanoni Hausen quer mandar de volta os índios para suas aldeias, ele, depois de ter pedido transferência para Campo Grande, onde deveria trabalhar próximo à aldeia terena, a Funai o transferiu para Porto Velho.

Por sua vez o índio Kurerrete Karajá, filho do cacique Maluwaré, de Santa Isabel do Morro afirmou que esta medida não tem sentido pois "a solução não é mandar os índios de volta para a aldeia. Quando saímos das aldeias não nos desligamos dela e somos incentivados pelos nossos irmãos a vir estudar aqui pois a gente se forma e volta para lá. Meu pai sempre me disse que a civilização estava chegando e que devíamos nos preparar".

Ele classificou ainda os diretores e funcionários da Funai de "racistas" porque, segundo Kurerrete, "eles não querem que a gente estude para não trabalhar na Funai. A Funai devia elogiar nosso avanço e se eles querem preservar os índios como num zoológico deviam parar de fazer atração, deixar os índios na mata".

O jesuíta Antônio Iasi Júnior, do Conselho Indigenista Missionário criticou a medida tomada pela Funai afirmando ainda que o coronel Zanoni Hausen "substitui o general Demócrito de Oliveira, de triste memória e por ser menos despreparado e mais maquiavélico do que o outro, seu afastamento da Funai é mais do que oportuno. Depois de causar tantos prejuízos à causa indigenista, é mais do que evidente que sua presença é nociva e deve ser afastada".

Padre Iasi disse ainda que "os administradores dos índios colocados à frente do órgão têm dado mostras de incompetência e ignorância usando o exercício da tutela como instrumento de coação."